

A ETERNIDADE DO DIAMANTE

Marcelo Reis*

“Fique fria, fique fria, madame”..., e sentindo um objeto duro entre suas costelas, percebeu que estava sendo vítima de um assalto à mão armada. Segurando-a pelo braço e encostando um revólver às suas costelas, o malandro a conduziu por um desvio da rua que ia dar num terreno baldio, onde havia uma obra inacabada. Jogando-a contra a parede, o malandro tirou o pingente que ela usava, bem como as alianças e pulseiras; pediu também a carteira.

Foi aí que ela pôde encarar o meliante! Um sujeito magro, barba malfeita, dentes podres, exalando um mau hálito que se podia sentir a cinco metros de distância. Maria Rita, ou Ritinha, como era conhecida, refeita do impacto inicial do assalto, olhou para o homem e pediu a ele que devolvesse, por favor, o pingente que lhe havia subtraído, pois, na verdade, era um falso brilhante, um vidro lapidado. No entanto, havia sido um presente do seu falecido marido, que ela estimava muito. Naquele momento, veio-lhe à cabeça como um filme em *flash-back* a lembrança da ocasião inusitada em que se conheceram!

Eram os idos de 1968, e a agitação política contra a ditadura imposta pelos militares levava às ruas bandos de estudantes, alguns secundaristas, a protestarem contra o regime. Numa dessas passeatas, a turba de estudantes e agitadores foi cercada, feita prisioneira pelas forças de segurança pública e levadas a interrogatório em uma unidade militar.

Todo o grupo estava aprisionado numa quadra esportiva do quartel, onde estava de plantão o capitão Andreolli. Ao ver de longe os integrantes daquela horda que teria de interrogar, prestou atenção numa jovem com um ar meio desolado, recostada a uma pilastra, carregando cadernos e livros, e vestindo uma fardinha de normalista: saia azul marinho plissada, blusa branca com mangas de coco, gravatinha da cor da saia e meias três quartos. Foi paixão à primeira vista! Foi a primeira a ser interrogada. Tinha uma voz meiga e não parecia nada com a imagem que os militares conheciam de comunista praticante. Na avaliação de Andreolli, que se apresentou a ela como Adalberto, aquela ali era mais uma inocente útil, uma estudante secundarista arregimentada pela esquerda para fazer número nas manifestações e, quem sabe, depois ser usada na luta armada.

O depoimento dela demorou tanto que o capitão deu ordens para libertar os demais presos. Aquele encontro marcou a vida de ambos. Ele, capitão do Exército brasileiro, aparentando um pouco mais de 30 anos, casado, dois filhos, cidadão responsável; ela, estudante secundarista, entre 15 e 16 anos, morena cor de jambo, dona de um lindo rostinho, emoldurado por duas covinhas nas bochechas. Bom, ao fim do inquérito, ele foi levá-la a casa de carro, para ter certeza de que não iria para nenhuma reunião clandestina de movimentos de esquerda. Estabeleceu-se entre eles uma paixão desvairada, com encontros em pensões e hotéis baratos no centro da cidade, já que naquela época não havia ainda os cômodos motéis!

Não adiantaram as ameaças do Exército para dissuadi-lo da relação com aquela jovem “delinquente”. A paixão falou mais alto! Amaram-se perdidamente, ele se separou da mulher, foi transferido para outras unidades em locais diferentes, mas ela o seguiu em todo seu périplo.

Chamava-o carinhosamente de meu “general”, muito embora ele só tenha alcançado na ativa a patente de tenente-coronel, tendo sido preterido para a Escola Superior de Guerra por conta do seu comportamento arredo. Não adiantava, para ela, ele era seu “general”, seu homem, o amor da sua vida. E ele correspondeu a todas essas expectativas. Tiveram uma vida conjugal plena, apesar da diferença de idade, e três lindos filhos, frutos dessa relação profunda.

No leito de morte, pediu a ela que não o esquecesse. Não jogasse fora todo aquele amor que viveram. Que tentasse eternizar aquele amor verdadeiro. E assim foi feito: seu corpo foi cremado e as cinzas foram enviadas a um laboratório na Suíça para transformá-las em um diamante. Não saiu barato! Gastou grande parte das economias da família com essa “extravagância”, mas era a maneira de lembrar-se dele eternamente. Aquela pedra de meio quilate encravada num pingente simples era para ela tudo na vida que lembrava o “general”, seu amor eterno!

Na tentativa de salvar o pingente das mãos do meliante, tentou negociar, oferecendo dinheiro que poderia retirar de um caixa rápido. Ou talvez, outras coisas que ele achasse melhor!

Foi aí que o malandro gostou da proposta. Ritinha estava aí na faixa dos 50 e poucos anos, mas ainda ostentava um corpinho de fazer

inveja a muita mulher de 40. O malandro a olhou, arroteando-a e, sem maiores escrúpulos, disse: “pois não, madame! Vamos ver o que a senhora tem de bom aí!”

E daí, colocou a arma sobre uma pedra, encostou-a a uma parede velha, levantou seu vestido, baixou sua calcinha e preparou-se para o ato! Só que o pior aconteceu com o infeliz. Não estava conseguindo ereção para penetrá-la. Daí, irado porque estava falhando, deu-lhe um safanão, atirando-a ao chão. Ofegante, o malandro escorou-se na parede tomando fôlego. Ao levantar a cabeça, deu com ela empunhando uma arma em sua direção. Era uma pistola 7.65 mm que o “general” a havia presenteado anos atrás, para usá-la em sua defesa, caso precisasse.

O malandro a olhou de forma zombeteira dizendo: “Madame, isso só atira na mão de homem, sabia?!”

Ainda olhou de soslaio para a arma sobre a pedra na expectativa de pegá-la e dominar a situação.

Nesse exato instante ouve-se um estampido! O malandro jazia inerte com um tiro certo entre os olhos. As aulas de tiro ao alvo do “general” não foram em vão!

Calmamente, sem se sobressaltar, pegou suas coisas subtraídas, colocou-as nos devidos lugares, pegou da bolsa um pequeno estojo de maquiagem, tirou o batom e retocou os lábios. Com a mesma calma, abandonou o local deixando para trás o corpo inerte do desvalido.

Aquele diamante era verdadeiramente eterno!

**MARCELO REIS* é geólogo formado em 1975 pela UFPE e professor desta mesma Universidade desde 1979. Tem a Geologia como profissão, mas a Literatura é sua grande paixão. Autor de dois livros de contos – *Café da Manhã com Chet Backer* e *Histórias Curtas Fortuitas* –, é escritor bissexto e tem como preferência literária o gênero contos.